







**D'ISTO HA MUITO!**

COMEDIA EM 2 ACTOS

POR

*J. de Aquino Borges.*

Approvada pelo Conservatorio Dramatico  
Brasileiro.

  
**Rio de Janeiro**

TYP.—POPULAR—DE AZEREDO LEITE  
RUA NOVA DO OUVIDOR N. 9.

—  
1862.

# D'ISTO HA MUITO!

COMEDIA EM 2 ACTOS

POR

T. DE AQUINO BORGES.

(Approvada pe'o Conservatorio Dramatico[Brasileiro].)



RIO DE JANEIRO

Typ. POPULAR, DE AZEREDO LEITE, RUA NOVA DO OUVIDOR N. 9.

---

1862

1  
AO SEU INTIMO AMIGO

MANOEL SAAVEDRA DA SILVA DURÃO

EM TESTEMUNHO  
DE  
VERDADEIRA ESTIMA E AMEZADE

O. D. C.

o autor.

# Principia por aqui.

Meu amigo.—Remetto-te a obra. Já sabes que é o que de mais rasteiro pôde haver neste genero de litteratura theatral (se é que lhe cabe este titulo); a acção porém não podia ser descripta de outra fórma. Tu mesmo deves avaliar o perfeito e o bello da obra que é feita, (posso assim dizer,) de encommenda.

Linguagem apurada, espirito fino, enredo desconhecido, scenas arrebatadoras, estylo pouco vulgar e tudo o mais que é mister a uma composição verdadeiramente dramatica ou comica, nada disto, podia ser empregado na que tem natural origem e que, por conseguinte, tem por fim unico divulgar a acção tal qual se passou.

Muitos dirão: ora, porque não brilha, ao menos, aqui uma d'aquellas cinco divindades da litteratura?

Que hei de eu dizer? O que for mais logico:—que é por todos conhecida a scissão dos *Santos* dos *Luciferes*, que o céo é muito lindo, (nota que eu nunca lá fui,) e a terra muito feia e que se, por exemplo, eu tivesse de escrever sobre qual-quer destas partes havia de pintal-as taes quaes ellas são.

Eis pois a razão completamente satisfatoria. Observei o facto, vi que era tão cheio de originalidade que escrevendo-o, não me atrevi a modificar o em parte alguma.

E' um quadro sem expressão alguma que incite curiosidade. Apresentarão-m'o, desenhei-o mas não o collori.

Não dei tratos á imaginação para conceber idéas felizes, nem tão pouco deixei secar a tinta na pena cogitando termos e exoticas lembranças. Se fosse possivel comparal-a com as ultimas *primeira*, *segunda* ou *terceira* da companhia Ferry não hesitaria dizer que deitava tres milhas por minuto; entretanto contento-me em dizer, a duvidar até, que haja tachygrapho que, n'um instante, *rabiscasse* tanto, qual a penna na minha mão a *rabiscar* no papel. E por fim tudo são rabiscos tediosos, mas de certo escassos de philosophia immaterialista.

E' uma connexão de muitos termos vulgares, mas consciamente, não rapsodista.

Creio, porém, que tu, como muitos, omitindo as expostas

razões, has de dizer que, eu podia espiritualisar mais o meu escripto; mas pondera que me tornei rachitico, e só attendi á pragmatica ditada pelo facto e executada no momento. Além de tudo isto nao quiz perpetrar o audacioso inconsumavel flagicio de neólogo indomavel, transplantando a trivialidade, immorredoura, da litteratura *desenvence*, e mesmo attendendo á seriedade, absoluta, do individualismo de alguns volumosos grupos *Herculanicos e Homericos*. De tudo collijo que o purismo é a racionalidade que prophetisa uma guerra *rustica-civil* ao pobre neologismo, que tem decahido consideravel menteda alia posição, (que ainda ha de adquirir). pelo que de mim mesmo deprehendo.

Em todo o caso não pouparei o ensejo de fazer um elogio a minha obra:—é um aborto contemporaneo como muitos que por ali *voão* muito no cima do *baixo* e cujas mãis, em continua convalescença, parem... e *parem*!— que é um Deus no acuda!

Has de dizer, como é de costume, que elogio em boca propria é vituperio, mas permite-me que te diga:—mais vituperio é chamar-se comedia ao que nem é farsça; e se a minha obra cabe o primeiro titulo é por que, como sabes, a metaphora é a deusa que preside aos partos de tantas mãis desventuradas—; chama-se dramatico ao que nem é comico, e comico ao que petrifica a imaginação! E' horrivel isto! Vai por ali além uma alluviaõ de desenfreadas *fêras*, litterarias, (e eu com ellas.) que não sei quem poderá domal-as, ou pelo menos ademoestal-as

Concluo pedindo-te que me desculpes para com alguns amigos. Tratando a minha obra, de um assumpto rasteiro, não podia conter bellezas, a não propor-me a exagerar costumes.

Peço-te isto como resalva da minha apoucada intelligencia.

Póde haver phantazia no original, mas não arteficio na natureza.

Desculpa o teu, como sempre, muito amigo

T. de Aquino Borges.

Rio, 28 de Junho de 1862.

Meu Borges. — Li a tua obra, e, fallando-te francamente, só depois que vi o teu exordio-carta é que pude convencer-me de que era realmente tua.

Quem, como eu, tiver lido diversos escriptos que possues, filhos da tua intelligencia e estudo, hade, por certo, desconhecer-te lendo a comedia — *D'isto ha muito*.

Não quero com isto dizer que ella não tenha o seu merecimento: nem tudo póde ser *primo*?

O certo é que se me fallasses sobre a sua publicação, dando-te uma opinião franca e sincera, dir-te-hia que a reservasseis para mais tarde, isto para não fazeres a tua estréa litteraria com uma obra bem pobre de litteratura.

E' verdade que, sobre isto, a mim, como aos que a lerem, já tu dás a resposta no exordio-carta ao teu amigo M. S. S. Durão, o qual por todos deverá ser lido para se convencerem do que eu podera narrar, dizendo que tens capacidade para emprehender obra de maior vulto.

Tenho toda a convicção de que não has de desmentir esta verdade.

Não querendo offender a tua modestia, tambem não direi a razão porque assim me exprimo.

Teria inevitavelmente de ir mais longe. A tua obra não é um trabalho profundo, é uma copia de factos provados, é como tu mesmo dises:—*um quadro; apresentarão-m'o, desenhei-o, mas não collori*. Isto diz muito; tira o direito ao que poderia dizer uma analyse longa e circumspecta; que a vista disto não podia criminar-te como inepto negando-te talento, que nella não revelas, mas de que és dotado.

Claramente se vê que, ella é o resumo de uma historia pedantesca de tantos asseclas da *parvalheira* que por ali andão; e, conseguintemente, escreveste-a naturalmente, sem frioleiras bombasticas.

Assim devia ser. Por isso mesmo cabe ainda aqui o teu bem imaginado remate do exordio-carta:—*póde haver phantasia no original, mas não arteficio na natureza*; se bem que noto em alguns personagens uma linguagem acima da que lhe competia.

Gosto, porém, sobre tudo do denodo com que tu chamas ao teu escripto:—*aborto contemporaneo*.

Nem tanto!  
Se pelo facto de não ser uma obra sublime, não se póde

levar a altura, em que a podias collocar, nem por isso deixa de conter, ainda que pouco visível, moralidade aproveitável para aquelles que, como José Tetéa se deixão illudir por mulheres abjectas que só curão de sua conveniencia, que só querem luxo e que, finalmente, recebem o cortejo de toda a casta de gente que retribuindo mal os seus favores, busca depois resgatal-os *depenando* o infeliz que por inexperiencia ou por loucura cahe sob suas garras de harpia e cuja estrategia o torna criminoso a maior parte das vezes.

José Tetéa é um verdadeiro typo dos que vivem á sombra da vagabundice, que, não tendo para si, illudido pela ridicula Urraca, contrahe toda a sorte de dividas méramente para lhe satisfazer os desejos ou caprichos, sem se lembrar que ella, quando por um lado o acaricia, já o está por outro despedindo, e recebendo cumprimentos de outro que de certo mais entendido nas affeições tomadas por intermedio, sabe vingar-se e vingar o entimidado, moralmente, pela vortice de dispendios, ficando entretanto José individado, mal visto, e desacreditado, e ella rindo e folgando á sua custa, arrumado-lhe um *pontapé* para deixar o lugar em que espera poder *depenar* quantos os que tão facilmente se embeberem na sua fingida affabilidade e *reputação*.

Em conclusão, não desanimes.

Sinto só que tu principiasses por onde não devia, sabendo que, mais algum tempo passado, podias apresentar obra prima; mas resigno-me com a esperanza de que breve o farás.

Se, na poesia, que vai no fim da comedia, ha algum defeito a notar pede a outro, que não eu, que o aponte, pois julgo-me insufficiente para a analyse de versos. O que é verdade é, que eu não me posso esquivar e dizer-te que é muito bella, pois, além de a ler, sei que foi freneticamente applaudida na noite em que foi recitada.

Continúa pois.

Não receis o ridiculo daquelles que desdenhão porque estes são os que nada sabem, são os que se querem inculcar de intelligentes sem saberem o que exprime a palavra *intelligencia*: — o homem sabio jámais desdenhou do seu *inferior*.

Ora bem; não te illudas com o que deixo dito.

Teu — S. Pereira.

## PERSONAGENS.

JOSE' TETE'A, <i>vagabundo</i> . . . . .	20	anos!
COSME MOLETA, <i>homem sem officio</i> . . . .	30	»
RUFINO LOYOLA, <i>morador no hotel</i> . . . .	18	»
CESARIO ALVES, <i>idem</i> . . . . .	18	»
JUCA GAVINHO, <i>supposto doutor</i> . . . . .	24	»
MARINHO, <i>credor de José Tetéa</i> . . . . .	20	»
CATITA, <i>idem</i> . . . . .	19	»
ALONSO FRITTS, <i>dono do hotel</i> . . . . .	50	»
D. PULCHERIA, <i>sua mulher</i> . . . . .	42	»
D. URRACA, <i>companheira de Cosme</i> . . . .	17	»
ELIAS, <i>preto</i> . . . . .	33	»

### ALGUNS CREDORES DE TETE'A.

A acção passa-se no Rio de Janeiro (n'um hotel.)

E'poca—Actualidade.

## ACTO PRIMEIRO.

O theatro representa o interior d'um hotel; ao fundo uma porta que dá para um corredor e uma janella ao lado que deixa vêr um quarto ornado de quadros; á direita e á esquerda portas lateraes; no centro algumas mezas com cadeiras em roda. Ao subir do panno, Rufino sentado e em mangas de camisa fuma um cigarro dentro do quarto.

### Scena I.

RUFINO, só, faz o signal da cruz.

Em nome do Padre, do Filho, do Espirito-Santo :—amen Jezus.

CEZARIO, apparecendo só com a cabeça, como que acabando de dormir.

Oh! estás te benzendo?!

RUFINO.

Persignando, se não lhe é penoza a pronuncia.

CEZARIO, rindo.

Ah! ah! ah!...

RUFINO, o mesmo.

Ah! ah! ah!...

CEZARIO, arremedando-o.

Ah! ah!... Está hoje muito engraçado...

RUFINO.

Admirado; é o que deves dizer.

CEZARIO.

Que horas são?

RUFINO.

E' justamente por isso!...

CEZARIO.

Por isso!... por ser horas?!... Ora essa!...

RUFINO.

Pois não t'admiras do silencio que está hoje nesta casa? Se eu estivesse mais proximo d'alguma torre, ia repicar os sinos para solemnisar a appareição de cousa tão rara por aqui!...

CEZARIO,  *fingindo deitar-se.*

Ora, não estou para te dar palha.

RUFINO.

O' pedaço d'asno! Olha que já são oito horas!

CEZARIO.

Já sei. Quando forem sete e meia, chama-me.

RUFINO,  *como que puchando-o.*

Levanta-te, homem! Já são oito!

CEZARIO.

Que diabo estás tu puchando?

RUFINO.

O diabo Cezario.

CEZARIO.

Ora deixa-te de asneiras... Não me masses mais.

RUFINO,  *pondo-lhe a mão no hombro.*

Ainda estás dormindo? Veste-te, que são horas de te ires embora.

CEZARIO,  *levantando-se.*

Oh! diabo! E, eu, cuidando que era mais cedo ia tornar a deitar-me... ( *Vestindo-se apressadamente e zangado.*) Como nesta maldita casa é costume a gente levantar-se ao som de um barulho infernal, esperava que, como os mais dias, o despertador dêsse o signal d'alvorada!

RUFINO.

Eis a causa da minha admiração!... E' que falta aqui alguém.

CEZARIO,  *pondo o chapéo na cabeça.*

Provavelmente. Eu, decididamente, não posso continuar a rezidir aqui. Dispõe-te a acompanhar-me... vamos mudar-nos e mandar para o meio do inferno semelhante hotel... ( *Sahe e atravessa o corredor.*)

## Scena II.

RUFINO,  *levantando-se rapidamente.*

Para irmos para outro ainda peor!... Realmente é admiravel a tua disposição!... Se houvesse algum onde se *podesse* encontrar socego, vá; mas se são todos *lá meme*

*choce.* Nem mesmo nos que são exclusivamente habitados por homens o ha, quanto mais sendo-o tambem por mulheres!... E se são habitados por ambos os sexos? Então é que nem em todos os dictionarios do universo se encontra um termo com o qual se possam classificar!... Uns uivão, os outros berrão, uns assobião e outros cantão!... Finalmente lá n'um canto forma-se uma reunião de hottentotes, e principião uns a tocar violão, outros guitarra, outros fagote, claviões, opheleid, n'outro uma pleiade de gatarrões berrão atrevidissimamente sobre politica, commercio e artes. e no centro grande quantidade das taes senhoras *donas* mulheres, completão a orchestra *grasnando* insolentissimamente sobre namoros, modas e etiqueta!... E etiqueta!... Como se etiqueta fôra algum objecto que se comesse!... E' boa!... Em minha vida ainda não conheci uma mulher que não tivesse a pessima balda de querer saber de tudo!... Isto já passa de birra. Em todo o *bico d'obra*, lá vão metter o orgão nusal. E quando lhes dá na mania para a litteratura isso então disse; nem Samsão, se ainda existisse, lhes dava volta. Nesta deploravel condição, reside aqui uma *lam-bisgoia* que não se farta de se apregoar a um portento, mas que, fallando sizudamente, é a entidade mais estúpida que tenho conhecido n'aquella classe de humanidade!... E' um oriundo dos Açores a quem a situação da crise já obrigou a mudar de nome e nacionalidade; mas é tão boçal a sua educação que não pôde negar a gerarchia a que pertence. De manhã canta, de dia berra, de noite chora e vice-versa; é este o seu elemento... Comnigo já não faz *farinha* e se insistisse nisto estava á tôa...

URRACA  *dentro.*

Suba, Juquinha.

RUFINO.

Eil-a ahí... Se mais depressa fallo em chuva mais depressa vinha a trovoadá...

## Scena III.

O MESMO E URRACA.

URRACA,  *entrando pelo fundo em trages de passeio.*

Ai, ai!... Venho fatigada!... Parece-me que todos dormem ainda ( *dirige-se para a esquerda e dá com os olhos em Rufino que acaba de pôr o chapéo na cabeça*) Ah! o Senhor

ainda cá está? Persuadi-me que já se tinha ido embora!  
Vai tarde hoje... O Sr. não me responde...

RUFINO, *exaltado.*

Ora, não me masse a paciência!... Já lhe tenho dito por  
mais de uma vez que embirro solememente com a senhora,  
e a senhora a querer tomar chá commigo... Pois encontra-  
me com boas disposições...

URRACA

Não seja tão mauzinho, Sr. Rufino.

RUFINO

Sabe que mais... (*sahé rapidamente do quarto, entra  
pelo fundo e esbarra-se com José Tetéa, que vem entrando  
da direita cahindo, este no chão*)

**Scena IV.**

OS MESMOS E JOSE' TETEA

RUFINO, *arremessando-se a José.*

Arre, seu bruto! (*segurando pela sobrecasaca.*) Que vem  
o senhor aqui fazer? (*acção de arrojá-lo no chão.*)

JOSE' *encarando-o atrapalhado.*

Homem! isso não tem lugar... quéda sobre quéda...

RUFINO

E o diabo que o leve! Quem é o senhor?

URRACA

E' meu conhecido...

RUFINO

Pois se é seu conhecido, que o leve trezentos diabos. (*Em-  
purra-o de encontro a Urraca.—Sahé.*)

**Scena V.**

JOSE' E URRACA.

JOSE'

Oh que insolente estúpido (*voltando-se*). Ah! já fugiu...  
senão atacava-lhe com a bengalla....

URRACA.

Dá-se cada caso nesta casa...

JOSE'

O' menina, quem é esta besta?

URRACA.

Qual besta?

JOSE'

Esta cavalgada que sahiu daqui agora...

URRACA.

E' o Sr. Rufino Loyola... mas aqui não é cocheira...

JOSE'

Eu logo vi que era Cebolla... Ah! queira desculpar estes  
termos, são...

URRACA.

São inadiceveis...

JOSE'

Sim, eu creio mesmo que não nascem!..

URRACA.

O que?

JOSE'

Os termos; v. g. cavalgada e....

URRACA.

O Sr. está aerio...

JOSE'

E' pessoa que não conheço...

RUFINO, *dentro.*

O' que cambada do inferno... (*entra precipitadamente.*)

**Scena VI.**

OS MESMOS E RUFINO.

RUFINO, *entrando.*

E tudo por sua causa. (*Dá com a mão no chapéo de José,  
que rota pelo chão, e entra no quarto enquanto este apa-  
nha o chapéo.*)

JOSE' *desesperado.*

O' que pedaço de atrevido!..

URRACA *a Rufino.*

O senhor, que nunca ha de acabar com as suas brutali-  
dades...

RUFINO, *sahindo do quarto para a scena dirige-se a  
Urraca com impetuosidade.*

Que brutalidades?..

JOSE' *levantando a bengalla.*

Alto lá, meu caro amigo...

RUFINO, *tirando-lhe a bengalla com raiva, dá uma bengallada em José.*

Eu ainda hoje mato um diabo.

JOSE'

Ai! Vá matar o pai... (*Corre para um canto da scena.*)

URRACA.

O' Sr. Rufino...

RUFINO.

E a senhora não se torne mais a dirigir a mim, nem directa, nem indirectamente (*Ouve-se dentro grande barulho.*)

JOSE'

Protesto com todas as formalidades da lei contra o Sr. Cebolla...

RUFINO, *dando-lhe outra bengallada.*

Quem é Cebolla nesta casa?

JOSE'

O senhor mesmo, Sr. Cebolla... Aqui d'el-rei... Socorro....

URRACA.

O' meu Deus... isto não se póde aturar...

### Scena VII.

OS MESMOS, ALONSO E PULCHERIA.

PULCHERIA.

Que é isto aqui, senhores?

ALONSO, *a Pulcheria.*

Cale-se lá a boca...

JOSE' *a Rufino.*

Quer o senhor talvez negar que se chama Cebolla, para eu não poder faze-lo comparecer na casa da policia, para vingar a minha affronta. . (*A' parte.*) Tomára eu raspar-me...

RUFINO, *atirando-lhe a bengalla.*

Ponha-se já fóra daqui ,seu biltre...

URRACA.

Não põe, não, senhor... é meu convidado.

RUFINO.

Então carregue com elle... Saião da minha vista... (*Entra no quarto faz correr uma cortina que acculta o quarto.*)

URRACA, *batendo com o sapato.*

Ora, vá... O senhor aqui manda tanto como eu... Venha d'ahi Sr. José...

ALONSO.

O' que xento levada de la bréca... que inferino.

URRACA.

Que quer Vmce. tambem?... Vá passeiar... (*Sahe pelo fundo.*)

### Scena VIII

JOSE' *a Alonso.*

O senhor é que é dono deste hotel!

ALONSO.

Xim.

JOSE'.

Tem máo gosto... Eu não aturava tanto barulho.

ALONSO.

Quim é voxê?

JOSE'.

Eu?

ALONSO

Vai tratar de la vida, malandere...

PULCHERIA, *a José.*

Que é que o senhor quer?

ALONSO, *a Pulcheria.*

Calle-se lá a bocca!...

JOSE', *a parte.*

Cada vez mais atrapalhado. (*Vai a sahir, esbarra-se com Rufino que nem sahindo do quarto, fica encostado á porta e depois corre precedido de um pontapé que lhe arremessa Rufino.*)

### Scena IX.

OS MESMOS MENOS JOSE'.

RUFINO, *entrando.*

Sempre esta peste na minha frente...

ALONSO.

Senhore Rifino, eu lhe pede para nom 'si mette com este gente... E' uma bandalheira, patifarrria!... tute lê dia ést pouque vergonhe.

RUEINO.

E vocês a incommodarem-me l... Para que diabo anda esta mulher sempre aqui da sala para a cozinha com mexericos...

PULCHERIA.

Tenha paciencia... é um favor que nos faz...

RUFINO.

Tenho de mais!..E' boa!.. Não se ha de passar aqui um dia em socego!... Se de mauhá se dorme ella serve de despertador a todos, se se está nos domicilios lá vai, depois de ter ouvido o que o diabo não queria ouvir, bulir com os inquilinos. . Que a leve S. Esetvão... que se mude, ao contrario mudo-me eu e atraz de mim virão todos quanto aqui morão... é só eu dar o signal de partida. (*Sahe pela direita.*)

**Scena X.**

OS MESMOS MENOS RUFINO.

ALONSO, *sentando-se*

Oh! que mulher terrible... Faci tuda a casta dezeneira e siemper quier la racion de sun lado...

PULCHERIA, *sentando-se*

Que cousa ruim, meu Deos...

ALONSO.

Oh! é di maissel... (*Rindo:—a Pulcheria*). Qui curuje du diable... Tienne tido maisse de terrinta maridsse... non certanim pur san Pietre.

PULCHERIA.

Ella já pagou os vinte mil reis que devia de comida?

ALONSO.

Jiá... pidiu-los imprestadis a Rifino, antis di ficarim sangados...

PULCHERIA.

Que tôlo...

URRACA, *dentro.*

O' Alonso, manda-me café.

ALONSO.

Vienga cam baxo.

URRACA, *o mesmo.*

Ai, peor... Não me fação zangar logo de manhã... (*entra pelo fundo e pouco depois José.*)

**Scena XI.**

OS MESMOS E URRACA.

URRACA.

Então vocês querem brincar commigo?

ALONSO, *exaltado.*

Qui voci quier, hein?

URRACA, *batendo o pé, enraivecida.*

Que raiva me dá isto...

ALONSO.

Isso é *mode di sua tierra.* (*Entra José.*)

JOSE', *á parte.*

Hein?... Como?... moda da sua terra!... Que diabo quer aquillo dizer? (*Fica ao pé da porta com o chapéo na mão.*)

URRACA.

Alonso, não me diga isso outra vez...

JOSE', *a parte.*

Estou receiando alguma sova de páo. (*Olhando para a direita.*) Devo sahir por ali.

ALONSO.

*Non mi borreça...* pagui qui mi deve, tiene lo qui quier.

JOSE', *o mesmo.*

Ai, como a cousa é!...

URRACA.

E esta!... (*Olha para o lado, dá com os olhos em José e volta-se.*) O senhor veio atraz de mim?

JOSE'.

E' tamanha a minha... (*a parte.*) Mas ella deve... (*alto*) a minha... *sagacidade* pela senhora que um momento longe de si estou ás escuras, não vejo mesmo nada, a senhora é o meu candieiro. Neste ponto sou um basbaque de expressões finas; tructo de dormir muitas vezes com finos romances

debaixo do fino morim do meu fino travesseiro... de fina lazanha...

URRACA.

Forrado de morim e lazanha... pois tambem de massa de sôpa...

JOSE'.

De estopa! (a parte.) O' que burro de caixeiro que me enganou... (alto.) Ah! ah! ah! errei, quero dizer enganei-me; é lamzinha...

URRACA

Ah! isso é outra cousa! E lê os livros debaixo do travesseiro?

JOSE'.

Não, uso de outro systema mais acertado!.. Não leio....

URRACA.

Então não pôde instruir-se...

JOSE'.

Destruo-o! Como tudo agora anda por vias electricas, eu tambem inventei a via por onde se pôde com mais facilidade e sem custo estar ao facto de todas as rebojadas dos romances...

URRACA.

Rebojadas...

JOSE'.

Não faça caso... é um termo meu... não; não digô bem; emprestou-m'o o capitão da galera... da barca... do brique... da escuna... da sumaca... da sumaca Virginia, que navegou dos Açores para Campos e que fi ou aqui em concerto, e sendo depois vendida tomou o nome de Julio e ficou pertencendo a um sujeito chamado Sarmiento, que não podendo tambem costear a despeza do concerto da sumaca fez presente della a um sujeito que eu não conhecia...

URRACA.

Mas voltando á sua via electrica.

JOSE'.

E' verdade, á minha via electrica para estrada da sciencia.. Não leio—pégo nos livros, tres ou quatro, ponho os debaixo do travesseiro, deito-me; enterro a tromba no somno com o

craneo sobre os ditos, e sinto evaporar-se o vapor das laes rebojadas, que sem espoldinhar-se com as minhas idéas, de uma fórma tão consoladora, que ás vezes fico mesmo mentecapto...

URRACA.

Mentecapto?

JOSE'.

Sim, admirado...

URRACA.

Estufato.

JOSE'.

Estufado, não; com o pensamento livre!... e para prova, se me dá liceuça de offerecer-lhe... (entrega-lhe um papel.) E' uma poesia, com a qual entendi que devia mimosear a senhora... (A' parte.) Que retumbante mão! (Alto.) Ah! que prazer...

URRACA.

São de dez pernas!...

JOSE'.

Quiz faze-los de quatro... versos de Alexandria, mas são versos tão esticados que... eu principiei-os, mas quando chegava no principio da segunda linha, já o sentido do fim da primeira estava tão distante que... Ora tenha a bondade de ler esses, ha de gostar mais desse estylo. (Entra da esquerda um preto com duas chicaras e o jornal debaixo do braço.)

Scena XIII.

OS MESMOS E ELIAS.

ELIAS.

Chingou, eu.

URRACA, voltando-se.

Ah! dá cá. Põe em cima da mesa...

JOSE', pegando no jornal q e traz o preto.  
E' o de hoje?

ELIAS.

Tali e quá. Toms za café qui precisa da zin siela. (Sabe.)

Scena XIII.

URRACA E JOSE'.

JOSE', lendo, depois de puchar uma luneta.

Espectaculos — S. Pedro de Alcantara... hoje — Cina ou a clemencia de Augusto... tragedia...

URRACA, *que tem estado a ler o papel.*

Não posso entender este...

JOSE', *rapido, applicando a luneta.*

Qual é?!... (*Apontando com o dedo.*) Este? E' o mais sublime de todos, e por consequencia o menos comprehensivel em consequencia da linguagem... Eu o leio...

São uns olhos cõr d'alface

Brilhando como cebolla... (*Olhando para o lado.*)

Oh! diabo se o Cebola, ouve, temos barulho.

URRACA, *atalhando.*

Brilhando como cebola?

JOSE'.

Sim, como cebola, porque a cebola é clara e...

URRACA.

Vamos...

JOSE', *continuando.*

São uns olhos cõr d'alface

Brilhando como cebolla...

E não é de gente tola

Uns olhos assim na face...

Quando olhão, são tão quentes

Como agua a ferver...

URRACA.

Mas que comparação! (*Continua a olhar para o papel.*)

JOSE'.

E' logica e la-conica... (*bufa e continua lendo.*) Lyrico—  
Ernani— *musica verde*— (*volta a folha e lê*)—Annuncios—  
Machinas de cozer americanas...

URRACA.

O senhor fallou em theatro, não? (*toma café e offerece a José.*)

JOSE', *rapidamente.*

Nada; em machinas de cozer americanas... Deve ser bonito. A senhora já está cosida? (*Larga o Jornal e aceita a chicara de café.*)

URRACA, *á parte.*

Não me fujas á conversa. (*Alto, rindo.*) Ah! ah! ah! o senhor tem muito espirito...

JOSE', *a parte.*

Atrapalha-me... E eu caio por força... (*Alto.*) Algum, pouco...

URRACA.

Mas o que vai hoje em S. Pedro?

JOSE'.

Já me não lembro; a sua belleza exagerada...

URRACA.

Exagerada?

JOSE'.

Sim, immensa... grandiosa... (*bebe*) embarrilão-me de tal fórma que eu não posso consentir na memoria mais objecto algum que tire o seu lugar. (*Entra vagarosamente Cosme—typo aparvalhado, senta-se perto de José.*)

#### Scena XIV.

OS MESMOS E COSME.

COSME, *pegando no Jornal, ao rugido do qual José se levanta assustado.*

Sou eu...

JOSE'.

Persuadi-me... (*Deixa cahir a chicara—zangado—*) Ora, o senhor!... Devia prevenir... (*junta os cacos.*)

URRACA, *a Cosme.*

Que vens tu aqui fazer?

COSME, *rindo.*

Lêr o Jornal...

URRACA.

Hade ter muito que lêr...

JOSE', *a Urraca.*

Está bom, não se gaste por causa disso...

COSME, *a José.*

O' Sr. José Tetêa, veja que ralice!

JOSE', *contente.*

Qual é, qual é?

COSME.

Escute, (*lé.*) Machinas de cozer americanas!...

Já fiz reparo...

JOSE', rindo.

URRACA. *á parte.*

Diabo do estúpido... veio agora interromper a minha conversa. (*A Cosme, com imposição*) Vá lèr lá para dentro.

JOSE'.

Já fiz reparo e achei curioso esse annuncio...

COSME.

Modere-se, menina; póde conversar, eu leio...

URRACA, a José.

Mas...

JOSE', rindo.

A senhora é americana?

URRACA.

Nascendo na cidade de Campos, julgo que sou, em consequencia do Brasil fazer parte da America...

JOSE'

Então...

COSME.

Ah! mas são de coser calças e botinas!

URRACA, a parte.

Assim parece-me que irei melhor. (*Alto.*) Nasci, aqui, neste pittoresco lugar e da idade de cinco annos fui em companhia de meu defunto pai... (*Leva um lenço aos olhos.*)

JOSE'.

Ai, Jesus!

URRACA.

Passeiar por algumas partes do mundo e no continente ultramarino de Portugal despozei bem (*movimento em José*) contra minha vontade...

JOSE', atalhando.

O Sr. Cosme Molleta!...

URRACA.

Qual!... um selvagem que me tratava indignamente e de quem recebi cruéis tratamentos...

JOSE', o mesmo.

E' muito selvagem...

COSME, rapido.

Quem?

URRACA.

A conversa, não é com o senhor.

COSME

Mas... (*continua a ler.*)

URRACA *reprehensiva.*

Calle o bico.

JOSE' a parte.

Estou mal...

URRACA *continuando.*

Fui portanto obrigada a largal-o.

JOSE'

Fez muito bem!

COSME.

No que?

URRACA o mesmo.

Ai, ai, Sr. Cosme... (*Cosme continua a ler.*) Vá lá para dentro. A conversa é só de dois... (*Cosme sahe pelo fundo levando o Jornal.*)

### Scena XIV.

#### OS MESMOS MENOS COSME.

JOSE'

Este, agora, é que é então o marido da senhora?

URRACA.

Longe de mim. O exemplo do primeiro serve para lição de toda a minha vida; não quero mais marido... (*José puxa um lenço branco e limpa o rosto de vez em quanto muito contente.*) Tenho procurado todos os meios e modos de encontrar um homem no qual eu possa encontrar os sentimentos correspondentes aos meus, mas sempre em balde...

JOSE' rapido.

Mas o Sr. Cosme...

URRACA atalhando.

Já lhe disse que não me é nada... Tem-me acompanhado por diversas partes, entretanto...

JOSE' contentissimo.

E qualquer não se atrevia vendo-a com o Sr. Cosme a fazer-lhe qualquer offerecimento, suppondo que seja seu marido...

URRACA

Lembrando-me já disso, d'ora avante andarei sempre só.

JOSE'

Oh! isso tambem não! Não é bonito. Eu conheço que para isso sou insufficiente, ao contrario...

URRACA *com tristeza fingida.*

E' muito, é que eu tenho a infelicidade de não cahir tambem no agrado de muitos.

JOSE' *enthusiasmado.*

No meu cahe dos pés até a cabeça, e se não recuzasse a minha offerta, eu propunha-me a ser o seu constante ...

URRACA.

E' do seu gosto?

JOSE'

Ora essa, minha senhora.

URRACA, *dando-lhe a mão que elle aperta e beija com transporte.*

Accito (*Cosmo entrando rapidamente com o Jornal na mão*)

**Scena XV.**

OS MESMOS E COSME.

COSME.

O que ?

URRACA.

Não é da sua conta!... Um lugar no camarote do senhor Juquinha!...

COSME.

Era justamente o que eu vinha dizer !

JOSE' *a parte.*

Esta lembrança, só o diabo a podia ter... (*Meche os bolsos do collete.*)

COSME.

Então já volto. (*Sahe por onde entrou.*)

**Scena XVI.**

OS MESMOS, MENOS COSME.

URRACA.

Vamos ao theatro ?

JOSE'

Aonde quizer, minha cara.

URRACA.

Um instante. (*Vai a sahir e volta.*)

JOSE' *a parte.*

Realmente já principia a ser-me cara! E onde irei eu parar com esta cara para pedir *l'argent*... estou sem vintem!...

URRACA.

Não leve a mal este meu pedido ?

JOSE'

Essa é boa, mais alguma cousa que queira...

URRACA.

Então, até já.

JOSE'

Até já. (*Urraca sahe.*)

**Scena XVII.**

JOSE', *sò, desesperado, esfregando as mãos.*

Oh que pessima circumstancia... Que diabo de lembrança logo no principio de uma vida que parecia uma *eira* de flores... (*Volta-se para todos os lados*). Mas que hei de eu fazer? E' preciso um sacrificio... mas que sacrificio... eu sei!... Isto... isto... isto só... Ora onde e a quem heide pedir o dinheiro (*Meche de novo os bolsos.*) Estou mesmo a tinir!... Como heide eu figurar... Oh! mas que idéa fará ella de mim se eu depois de concordar não cumprir o prometido!... Se eu imaginasse uma desculpa... uma pêta... mentira...

**Scena XVIII.**

JOSE' E URRACA.

URRACA *entrando repentinamente pelo fundo.*

Está incommodado, Juquinha...

JOSE' *a parte.*

Ai que ella ouviu. (*Alto.*) Apenas resentido de uma pequena revolução *astamaphologica*... uma insignificante commoção *callinagica*... *iguarias* passageiras...

URRACA *fingindo tristeza.*

Como lhe pedi, tinha grande desejo de acompanhá-lo ao

theatro, mas indo agora passar uma revista no meu guarda-roupa encontrei todos os vestidos mofados e cheios de *nodias*.

JOSE' *atalhando*.

Agua de colonia, no caso.

URRACA.

Não è sufficiente. Lembrei-me, uma vez que o senhor me quer...

JOSE' *o mesmo*.

Oh! se quero!

URRACA.

Que não hesitaria em comprar-me um, ou mesmo dar-me o importe que possa custar... e assim seria uma prova de nossa alliança...

JOSE' *embasbacado*.

E'... pois... sim (*aparte*) Oh! que situação (*alto*) Essa è boa, tudo se arranja...

URRACA *dando-lhe um beijo na testa*.

Estou vivamente apaixonada pelo senhor...

JOSE' *crescendo e cahindo quasi de joelhos*.

Oh! minha senhora, tanta candura. (*Abre a boca como querendo ferrar-lhe os dentes na mão e remata com um beijo*) Ah!... oh! ventura. (*Passa o dedo no lugar em que tem recebido o beijo de Urraca e chega aos beiços exclamando*) Oh! que doçura!

URRACA *com meiguice*.

Dispensa-me por um instante?... preciso ir outra vez lá dentro...

JOSE'

Bastante me custa vel-a assim separada de mim. (*Volta-se para o publico. Urraca sahe, quando vai transpor a porta olha para José e larga uma gargalhada.*)

### Scena XIX.

JOSE', *só, olhando para o fundo ao som da gargalhada*.

Rio-se!... rio-se!... seria de mim?!... Quem pensa nisso... Eis-me de novo em maior atrapalhação... Maldicto seja o diabo do inferno... Um vestido!... Não ha cobre para o camarote... quanto mais para o vestido... oh! fatalidade... oh! oh! ingrata sorte grande... (*Como*

*que sorprendido*.) Sorte grande!.. (*Como que lembrando-se e depois todo contente*.) Estou como quero!... Ah! eu abraçava o anjo que me trouxe á idéa esta nova!... Não me lembrava... mas agora me lembro... estou como quero... O Marinho, tirou ha dias a sorte grande n'um quarto!. Vou-lhe já pedir duzentos ou trezentos mil réis para dar brilhante começo á minha elegante obra... (*Pensando*) mas elle talvez me não sirva... não tem lá muito conhecimento de mim e... Neste caso vou a um meu amigo que o conhece e... eis-me um grande conquistador. (*Faz signal de sahida e entra Elias da esquerda*

### Scena XX.

JOSE' E ELIAS.

ELIAS.

O' sinhô, quem paga o café?

JOSE' *voltando*.

Já está pago.

ELIAS.

Non sinhô... paga...

JOSE'

Então já volto... (*sahe pela direita*.)

ELIAS.

*Qui suciridi vagamundo...*

ALONSO *dentro*.

*Elia!...*

ELIAS.

*Soi ieu plompto...*

ALONSO *o mesmo*.

*Vienga cá... (Elias sahe pela esquerda e entra pelo fundo Cosme e Urraca.)*

### Scena XXI.

COSME E URRACA.

URRACA *como em continuação de conversa, zangada*.

Ora, vá pr'o diabo que o leve... Por sua causa já tenho perdido muito, por tanto, não o aturo mais...

COSME *supplicante*.

Tenha paciencia, menina. (*Attivo*.) Está bom; não me ronque muito grosso.

URRACA *impaciente.*

E você sempre atrevido... oh que peste! (*senta-se com rompante e Cosme igualmente.*)

COSME.

D'ora avante, ou você se porta como é do seu dever, ou o diabo nos leva a ambos!... tome sentido!... (*b. fa.*)

URRACA *levantando-se furiosa, agarra-o pelo pescoço.*

O que diz? eu esgano-o, seu bajojo, parvo... tolo... lorpa... (*larga-o.*)

COSME *com muita frieza.*

Tudo isso é uma palavra, . . . digo, um só sentido... (*Rindo.*)  
Você tem cada lembrança...

URRACA *desesperada.*

Oh! que descarado!... Puxe já daqui...

COSME *olhando e sorrindo para Urraca, canta:*

Tive já uma cachorrzinha  
Que me quiz ferrar o dente

(*Urraca bate com o pé no chão, e raivosa dá uma volta em roda.*)

Mas untei-lhe o seu focinho  
Na gamella d'agua quente.  
Como ella tenho visto  
Muita mulher a ladrar...  
Mas por fim de tudo isto  
Torna-se logo a calar!

URRACA.

Póde andar e fazer o que quizer, que não faço mais caso de você!... e não me persiga mais...

COSME *o mesmo, canta o seguinte do Perdão d'Acto.*

Captivo estava,

Captivo estou... ah! ah! ah!... estou hoje para a cantiga... O' menina, dá cá d'ahi quinhentos réis para charutos...

URRACA *mettendo a mão no bolso, a parte.*

Bem; póde ser que assim me deixe!... Tambem é o dinheiro que possuo. (*Alto.*) Aqui tem; mas va-se já daqui.

COSME.

Vou... vou comprar os charutos, e volto já. Até já! hien!... minha vida.

URRACA.

Não me appareça cá mais.

COSME.

Fica a meu cuidado.... volto sem perda de tempo. (*Sahe e Urraca segue-o a pequena distancia.*)

### Scena XXII.

JOSE', *só, entrando precipitadamente cahe no chão ao transpor a porta.*

Felizmente. (*Levantando-se.*) Esta felicidade é que eu não esperava. (*Finge limpar o nariz.*) Caro custa o querer bem... (*Mudando de tom e satisfeito.*) Não ha novidade!... Consegui o que queria e com tanta vantagem, que o meu caro amigo depois daquelle a quem pedi para aceitar a letra; quiz que eu assignasse como endossante; isto, persuadido que o dinheiro era para o que lh'o pedi!... Que confiança!... (*Pensando.*) A quem ficarei por conseguinte, obrigado? (*Como que calculando.*) Fallee com o Chiquinho para pedir o dinheiro, como para si, ao dito Marinho, e que aceitasse letra, caso elle quizesse, afiançando-lhe eu que no dia do vencimento lh'o arranjava. Chiquinho pediu o dinheiro, e Marinho prestou-se a dar-lh'o mediante letra a pequeno prazo e juros incluídos, e um endossante. Chiquinho, disse-lhe que se eu servia para endossante que me offerecia. Marinho, aceitou-me como endossante. Chiquinho aceitou a letra, eu endossei a dita! Em todo o caso, Chiquinho é o responsavel pelo pagamento, eu pela distribuição do dinheiro e Marinho o possuidor da letra! (*N'outro tom.*) Devo por conseguinte ficar obrigado a Chiquinho. (*Puchando por alguns papeis e enthusiasmado.*) E' bem certo o rifão.— Quem tem amigos não morre na cadeia!... Aqui estão... são duzentos mil réis!... Agora toca a florear... Ah! S. Gonçalo, S. Gonçalo!... Até que enfim chega a minha vez (*cantando e dansando.*) S. Gonçalo de Amarante!... (*Entra Urraca pelo fundo.*)

### Scena XXIII.

JOSE' E URRACA.

URRACA *entrando.*

Está muito contente, Juquinha?

JOSE'.

Ah! desculpe!... Tão contente que.... Eu não quiz com-

prar o vestido, lembrando-me que o meu gosto não seria igual ao seu, mas aqui tem (*entrega-lhe uma cedula*) essa bagatella. (*Aparte.*) Não será máo dar-lhe o titulo. (*Alto.*) Cincoenta mil réis. Chegará ?...

URRACA.

Veremos. (*Pulcheria e Alonso apparecem á esquerda escutando.*)

Vou compral-o e depois lhe direi o preço. (*Acção de sahir.*)

**Scena XXIV.**

OS MESMOS, PULCHERIA E ALONSO.

JOSE'

Não é preciso isso.

PULCHERIA *baixo a Alonso.*

Já tem dinheiro; anda...

ALONSO *aproximando-se.*

*Oh sinhora, eu quero dineiro....*

URRACA *voltando-se zangada.*

Ora, vocês, que me andão sempre espiando...

ALONSO.

*Quim fi tiene cõtella... quero dineiro, já disse.*

JOSE' *mettendo-se.*

Quanto é que esta senhora lhe deve?

ALONSO.

*Terrinta mile rés.*

JOSE' *puchando do bolso outra cedula.*

Pague-se e deixe vêr o troco immediatamente.

ALONSO *acceitando e olhando para a cedula.*

*Jiá.*

URRACA.

E, até hoje, estamos saldos. (*Alonso sahe por onde tem entrado.*) Safa! que gente atrevidal... (*a José.*) Isto é prova de muita amizade...

JOSE'

Ah! minha nympha...

URRACA.

Eu saberei agradecer todas essas finezas...

JOSE'

Pois não; temos tempo de sobra para tudo...

PULCHERIA *aproximando-se de Urraca.*

Tu és uma feiticeira Urraca! (*Alonso entra de novo.*)

**Scena XXV.**

OS MESMOS E ALONSO.

ALONSO *entrando com o troco.*

*Aqui está. (José vai receber o troco, mas primeiro Alonso entrega-o a Urraca que o guarda e detem-se.)*

URRACA.

Estamos quites hein?

ALONSO.

*Yes, very well.*

JOSE' *rapido a Urraca.*

Como é que elle diz? que fica com elle?... Não é capaz!...

URRACA.

Não; que estamos pagos... Eu guardo-o... (*Alonso e Pulcheria, vão-se afastando e desapparecem, entra pelo fundo Cosme, fumando.*)

**Scena XXVI.**

URRACA, JOSE' E COSME.

COSME *entrando.*

Aonde é que vais, menina...

URRACA *voltando-se.*

Parece-me que já lhe disse o que tinha a dizer!

COSME.

Mas aonde é que vai.

URRACA.

*Je vais chercher une choso pour moi à la maison de monsieur Raphael...*

COSME.

Am!... (*Senta-se.*)

URRACA *a José.*

Ah! não sabe? Eu tambem sei fallar o francez... Tenho muitas prendas e talento...

JOSE'

Estou anciosissimo por apreciar isso tudo....

URRACA.

Não me demoro. (*Sahe pela porta do fundo.*)

**Scena XXVII.**

JOSE', COSMÉ E MAIS DEPOIS PULCHERIA.

JOSE'

Muito bem.

COSME.

Muito mal....

JOSE'

Então porque ?

COSME.

Ah! meu amigo, se você soubesse!... Olhe que, as vezes, um homem dá cada coice que nem um burro...

JOSE'

Lá isso é, irmão carissimo....

COSME *olhando-o admirado.*

Dar-se-ha mesmo o caso de sermos irmãos ?

JOSE'

Nessa irmandade....

COSME.

Mas se você soubesse!...

JOSE'

O que ?

COSME.

Um homem, as vezes, dá cada patada que nem um cavallo !

JOSE'

E você a dar-lhe!... Com sua licença, (*acção de sahir.*)

COSME *detendo-o.*

Escute, meu amigo. Pedi quinhentos réis para charutos a Urraca...

JOSE'

A que Urraca ?

COSME.

A Urraca.

JOSE'

Mas que Urraca ?

COSME.

A essa que sahio agora...

JOSE'

Pois, chama-se Urraca?!... Oh! que horrivel nome!...

COSME.

Compro apenas um charuto de vintem; volto, entro n'uma venda onde se jogava o *barato*...

JOSE'

Que *barato* ?

COSME.

O vispora....

JOSE'

Que vispora ?

COSME.

O quino, homem, o quino, jogo de cartas e *pedrás de páo*

JOSE'

Ah! já sei!... E perdeu, não é isso?...

COSME.

Todo e mais algum... Você, empreste-me ahi cinco mil réis....

JOSE'

Não tenho....

COSME.

Mas eu sei que você tem.

JOSE' *tirando do bolso um papel, entrega-lh'o e sahe pela porta do fundo dizendo.*

Primeiro e ultimo....

PULCHERIA *chamando-o.*

O' senhor, ó senhor...

JOSE' *voltando.*

Quem me chama ? (*Approximão Pulcheria e José ficão conversando á porta.*)

COSME *depois de ter reparado bem no papel.*

Primeiro e ultimo, e entrega-me uma lista... Quo emprestimo!... (*lendo.*) Lista dos meus credores. Devo a casa de pasto, cento e dezesseis mil réis, a Melchior, caixeiro da dita, uma letra que recebi para descontar, setecentos e vinte mil réis, ao sapateiro, alfaiate, barbeiro, charuteiro, taber-

neiro, chapeleiro e miudezas de armarinho, duzentos e tres  
mille dezoito réis... E dezoito réis... oh! que mestre da  
vida! (*Levantando-se.*) Vou já para o meu quarto, antes que  
elle queira tambem fazer commigo, contas de repartir! (*vai a  
correr, chega ao pé de José entrega-lhe o papel.*) Meu caro  
amigalhote, agradeço muito o seu obsequio. Peço-lhe di-  
nheiro e dá-me uma lista dos seus credores, como quem diz:  
vê se podes pagar, que eu não tenho para te dar!... (*rindo.*)  
Bonita recusa!...

JOSE' *atrapalhado.*

Que está você dizendo? Não me queira desacreditar, por  
que o leva o diabo!... (*reparando no papel.*)...

COSME.

Se o não levarem a você primeiro alfaiates, sapateiros, ta-  
berneiros, cocheiros e esse *credem* em Deos Pater por ahí  
abaixo!... (*Sahe pela porta do fundo.*)

PULCHERIA.

Olhe que ella logra-o....

JOSE' *em extremo desesperado.*

Ora!... que a leve tambem, não sei o que. (*Mettendo a  
mão no bolso, voltando-se para onde tem sahido Cosme.*)  
Foi engano.... pegue lá... Esta lista nada valle!... Ah! já se  
foi! melhor.... (*mettendo o papel no bolso.*) Não devo  
nada!...

PULCHERIA.

Ella illude-o...

JOSE' *passera agitado.*

E a senhora a querer fazer-me encavacar mais... Eu  
ajnda hoje aqui pinto o Hercules em furias....

**Scena XXVIII.**

OS MESMOS E COSME, MAIS DEPOIS M. CATITA E  
OUTROS.

COSME *entrando.*

Ou o caloteiro em calças pardas...

CATITA *dentro.*

Cá está o malandro! (*Entrão todos a um tempo, dirigin-  
do-se a José que se quer evadir, segurando-o pela sobreca-  
aca.*) Venha o importe da conta que me deve...

TODOS.

E' dos nossos. (*Rodeião-no, Cosme ri demasiadamente.*)

JOSE'

Pelo amor de Deos, larguem-me...

CATITA.

Não.

JOSE'

Entremos n'um accordo...

TODOS.

Accordamos agora... (*Todos o segurão e Catita vai-o re-  
bocando pela sobrecazaca.*)

JOSE' *exaltado.*

Isto não tem lugar... (*desapparecem pela direita.*)

**Scena XXIX.**

ALONSO, PULCHERIA, COSME.

ALONSO, *entrando apenas os outros transpoem a porta, gri-  
tando e com uma vassoura em punho.*

Leva tuti trezentos mille diables... arre...

COSME *para onde elles tem sahido.*

Olha, o camarote em S. Pedro. (*Cahe o panno.*)

EIM DO PRIMEIRO ACTO.

## ACTO SEGUNDO.

Sala e ante-sala, no mesmo hotel; mobilia regular. Janella ao lado.

### Scena I.

JOSE', precedido dos credores, entrando precipitadamente pela ante-sala.

Valha-me Deos; nem aqui me largão.. Já estou compromellido por causa do camarote...

CATITA,

Havemos de perseguil-o até que nos pague...

JOSE', voltando-se angustiado.

Que os leve S. Pedro!... Então peguem em mim e fundão-me em dinheiro...

CATITA, segurando-o.

Não me respingue!... Mandamos fundil-o lá na casa de correção, para vir ser homem de bem.

JOSE'.

Quem vocês? levem-me as botinas e o chapéo...

UM CREDOR.

Para homens como o senhor isso nada vale... o que queremos é dinheiro...

JOSE'.

Pois então esperem l... Se fosse negociante já tinha quebrado... (Emquanto os credores conversão em particular, chama Catita, fazendo um signal; mette a mão no bolso e tira um papel.) Quer um negocio?... Eu dou-lhe dez mil réis por conta, você falla aos outros para se irem, e brevemente lhe dou o resto...

CATITA.

Decá, decá... (Recebe o dinheiro e sahe apressadamente. Os outros que o veem sahir, chamão.)

TODOS.

O' Catita, ó Catita, escula... (Voltão-se para José.) Queremos tambem dinheiro...

JOSE'.

Não me deem fim do juizo.

TODOS.

Então avie-se.

— 39 —

JOSE' atrapalhadissim).

Já me aviei; já dei, já paguei... Vão atraz delle para repartir...

TODOS.

Quanto lhe deo?

JOSE'.

Uma nota de... (Sahe correndo pela porta da ante-sala.)

### Scena II.

JOSE', só.

*Et clamor meus ad te veniat!... Per infinita seeula seculorum. Amen. Corpus Virginis custodi me... (Ainda desconfiado.)* Oh! que verdugos. (Tirando do bolso um masso de papéis.) Felizmente, (conta) ainda me ficarão noventa mil réis! (Guardando-o) Chega para a funcção da minha estrêa nos sacros laços do hymineo!...

UMA VOZ, dentro.

Agora vamos amarral-o.

JOSE'.

Eil-os ahi outra vez!... (Quer fugir, dá duas voltas, e entra um credor.)

### Scena III.

CREDOR, entrando pela ante-sala.

Cá está o paio! (José apenas o vê foge pela porta da direita que fica á boca da scena. O credor corer atraz delle, quer agarral-o quanto vai a transpor a porta, e fica com as abas da sobrecasaca de José na mão; então mais alguns. José entra correndo pela porta proxima áquella porque saho, e é seguro por aquelles.) Cheira a alcatrão!

JOSE'.

Que os leve o diabo!

CREDOR, atirando-lhe com as abas.

Estás ahi!... toma o penhor... Daqui para a cadêa ou dinheiro incontinentemente...

JOSE', sem saber o que ha de fazer, á parte.

Aqui não ha volta, (Alto.) Larguem-me que eu lhes dou dinheiro. (Tira do bolso um masso e divide por elles.) Aqui tem você vinte mil réis...

UM CREDOR.

Só?

JOSE'.

Acha pouco... a sua conta não é muito grande. (A outro.) *Você, trinta mil réis.*

UM CREDOR.

Pois é por isso mesmo... pague tudo. (*Reparando no que o outro recebe.*) Quero também mais dez mil réis.

JOSE'.

Elle que reparta com *você*. (A outro.) Aqui tem o senhor vinte mil réis... (*Guarda apressadamente o resto.*)

UM CREDOR.

Para quem fica esse?... pague a quem deve.

TODOS.

Sim; este só é pouco.

JOSE'.

Deixem-me... Eu também tenho mais despesas. Não sejam tão exigentes. Basta de *decepções*. Já outro dia por causa dos senhores me fizeram o mesmo que hoje estão fazendo, compromettí a minha honra e palavra, e hoje rasgão-me a sobre...

TODOS.

Deixe-se de expor razões.

JOSE'.

Pois, meus amigos, saúde e palacas. (*Vai a sahir e encontra-se com Urraca á porta.*) Oh! minha... (*Faz todo o possível para que ella não veja o seu traje.*)

**Scena IV.**

OS MESMOS E URRACA.

URRACA, *entrando,*

Por onde tem andado, Juquinha?

TODOS, *aparte.*

Quem é esta bicha?

JOSE', *dirigindo-se a elles, escondendo as costas, baixo.*

Meus amiguinhos, tenham paciencia... eu os irei vizitar brevemente.

URRACA.

Quem são esses senhores? (*Comprimentando-os.*) Meus senhores...

JOSE'.

São uns amigos que tiveram a honra de vir vizitar-me. (*Sahem.*) Passem bem, passem bem...

**Scena V.**

JOSE' E URRACA.

URRACA, *que tem reparado em José.*

Que isso Juquinha... de jaqueta?...

JOSE' *a parte.*

Que *decepção*. (*Alto.*) Não faça caso... é para não dar no olho do mundo... ha muito quem repare.

URRACA.

O senhor é caixeiro?...

JOSE'.

Fui, algum tempo... (*A' parte.*) E' preciso mentir... e eu vou mentir a torto e á direito. (*Alto.*) Mas agora... não estou ainda, mas vou me estabelecer...

URRACA.

Porque não anda sempre de sobrecasaca?

JOSE' *a parte.*

Eu só tinha uma... e não era minha. (*Alto.*) Andava; mas a senhora ha de ver negociantes antiquissimos e riquissimos andarem com jaqueta cheia de... de... não me lembra de que; só para se dizer delles...

URRACA, *atalhando.*

Mal...

JOSE', *rapido.*

Nada, que são homens serios e economicos!

URRACA, *rindo.*

Ah! ah! Nem que a jaqueta inspirasse respeito, e a economia criterio!

JOSE'.

Que quer é balda, é mania! Eu, para lhe fallar francamente (*declamando*) de testo semelhante systema. (*A' parte.*) E eu sem sobrecasaca! (*Alto.*) Ter dinheiro e andar feito um lapuz, isso não! Eu mesmo, não sendo lá muito rico, ando sempre que é um gosto! (*olhando-se a si*) excepto agora que...

URRACA.

Pois eu espereio, seguramente, no dia do espectáculo, até às 11 horas da noite.

JOSE', *à parte.*

Que desculpa lhe hei de dar agora. (*Alto.*) Ah!...

URRACA.

O que é?

JOSE'

E eu quasi arrebento de indignado.

URRACA.

O que aconteceu?

JOSE'

Vi-me em apuros... não me lembrei que estava convidado por uns amigos para uma cêa de annos, no Andarahy, e quando eu ia sair para vir aqui e irmos ao theatro, eis que entrão, erão quatro, meus intimos amigos; pois, senhora. *engamellarão-me* de fórmula tal... (*N'outro tom, com amabilidade.*) Eu gosto de ser muito franco... eu não uso jaqueta. (*Voltando-lhe as costas.*) Ora veja... pucharão com tanta força que me levarão as abas da sobrecasaca!...

URRACA.

Ora, esta!... E o senhor não lhes fez nada!

JOSE', *tomando outra posição.*

Erão meus intimos... contive-me; ao contrario? Ia-lhes ás ventas que os sovava...

URRACA.

Agora precisa comprar outra.

JOSE'

Já a encommendei ao albardeiro... digo ao alfaiate!... Desculpe; nós, ás vezes, os rapazes, brincamos com estas cousas, e pelo costume escapão-nos tambem em qualquer parte...

URRACA.

Nesse caso vamos hoje...

JOSE'

Vamos.. Mas eu sem sobrec...

URRACA.

Mas não disse que a mandou fazer?

JOSE'

Mandei... mas falta fazel-a... ainda não está prompta... Os alfaiates tambem gostão de boa vida. (*A' parte.*) Pega-me por todos os pontos. (*Entra Rufino pelo fundo.*) Só se fôr no belchior...

### Scena VII.

OS MESMOS E RUFINO.

RUFINO, *à porta baixo.*

Que par...

JOSE', *reparando.*

Chegou o cebola!

URRACA.

E' Loyola e não cebola.

RUFINO, *que vai atravessando a scena, voltando-se a José.*

Então não vê quem passa?

JOSE'

Estou vendo... é o senhor.

RUFINO, *com altivez.*

Pois então acostume-se a ser bem educado. Quando se vê alguém, assim, n'uma casa, comprimenta-se...

URRACA, *à parte.*

Insolente!...

JOSE', *mostrando-se medroso.*

Queira desculpar; eu, estava preocupado...

RUFINO, *exaltado.*

Basta; não admitto parvalheiras...

JOSE', *com muita amabilidade.*

Ora, senhor... senhor... (*Perguntando a Urraca, baixo.*) Como se chama?

URRACA, *baixo.*

Rufino Loyola.

JOSE'.

Sr... Fino Loyola, para que havemos andar com embustes? Nós, tão conhecidos!...

RUFINO, *exaltado.*

De onde?

JOSE', *rapido.*

De vista...

RUFINO.

Muito bem ; expresse-se sempre com clareza...

JOSE', rapido.

Clara.

RUFINO.

Clarissima. (*Sahe para a direita.*)

**Scena VII.**

JOSE' E URRACA.

URRACA.

Atrevido!... ter a pouca vergonha de me estampar no *Jornal do Commercio*...

JOSE'.

Estampou?! Elle é poeta.

URRACA.

Quando entrei para aqui fazia-me versos amorosos, e hoje vem me desabonar publicamente.

JOSE'.

Chame-o á responsabilidade...

URRACA.

Não vale a pena.

JOSE'.

Eu me encarrego de dar-se-lhe uma lição... E' occasião de nos vingar-mos... Vou já na *typogarithia* ver o original. (*Acção de sahir.*)

URRACA, levantando-se.

Não se canse... eu vou buscar-lhe o *Jornal*...

JOSE'.

Não se canse... eu vou no *Jornal*. (*Urraca sahe pelo fundo.*)

**Scena VIII.**

JOSE' só, afflicto.

E aqui estou eu cada vez em maior confusão!... (*Passa.*) Que hei de fazer só com vinte mil réis no bolso... Metade vai-se no camarote; e a sobre! (*Olha para o lado e apanha as abas que estão no chão.*) Cá estão ainda as abas... Vou atiral-as á rua antes que ella as veja, senão atrapalha-me o capitulo. (*Entra Urraca com o Jornal,* e

vê-o com o que fica dito. (*Aparte.*) Valha-me S. Christovão....

**Scena IX.**

JOSE', URRACA E POUCO DEPOIS CEZARIO.

URRACA.

Que é isso? (*Vai sentar-se.*)

JOSE'.

E'... é... effeitos de uma polka mal dançada... (*Esfregando os dedos.*) A dança é terrivel molestia. (*Atira-as por uma janella á rua.*)

URRACA.

Então aqui dançou-se?

JOSE'.

O fadinho.. é uma dança que me leva os quicixos! (*aparte*) os cobres.

URRACA.

Aqui está... leia. (*Dá-lhe o Jornal.*)

JOSE' lendo.

« Sendo os Açores tua terra,  
« Dizes que és filha de Campos, (*olhando fixamente Urraca*). Se isto é verdade a senhora mentio-me.

URRACA.

E' mentira.

JOSE', exaltado.

Isto é um abuso intoleravel... (*Entra Cezario.*)

CEZARIO.

O que é intoleravel.

URRACA.

Venha cá, senhor Cezario.

JOSE' atalhando.

Escute, senhor, Macario.

CEZARIO.

Que Macario?

JOSE'

Leia isto e veja se não é atrevimento (*dá-lhe o Jornal*)

CEZARIO

O que?

JOSE'

Este artigo... (*Cezario aceita o Jornal.*)

URRACA

Olhe que o senhor Rufino, tem procedido indignamente, commigo!

CEZARIO

Não faça caso (*aparte.*) Como está isto silencioso!..

URRACA.

Só se é por eu lhe dever vinte mil réis.

JOSE', *a parte.*

Vae-se-me o resto do dinheiro...

CEZARIO *a Urraca.*

Elle não dá importancia a isso, nem por cousa semelhante elle se atrevia a escrever... Aqui ha motivo mais sério!..

JOSE'

Sim, eu creio isso... por dinheiro nem todos escrevem (*aparte.*) E' preciso salvar o resto... estou, uma vergonha sem sobre... (*a Cezario.*) Leia, leia isso.

CEZARIO

Tenho lido... Accessos, no caso... (*Atira o Jornal sobre a mesa; a José.*) Você já se arrumou?

JOSE'

São accessos, que duvida (*Aparte.*) O diabo, é capaz de me atrapalhar. (*Alto. Entra Cosme pela ante-sala.*) Venha cá senhor Cosme. Olhe que é muito insolente.

**Scena X.**

OS MESMOS E COSME.

COSME

Insolente é o senhor...

JOSE'

Não elle, elle.

COSME

Elle quem?

JOSE'

O Cebola, que escreveu o artigo.

COSME

Talvez fosse o balata... Não seja pedaço d'asno.

JOSE'

Seja... então como você quizer.

CEZARIO, *levantando-se.*

Até já meus amigos. (*Sahe para direita.*)

**Scena XI.**

OS MESMOS MENOS CEZARIO.

COSME, *a Urraca.*

Então, menina, decididamente não me quer mais?

JOSE', *baixo a Urraca.*

Não lhe dê confiança.

URRACA, *a Cosme.*

Seu bajojo, já lhe disse um milhão de vezes que não me enfade mais.

COSME.

Mas, menina...

URRACA.

Adeos, adeos...

JOSE', *a Cosme.*

Ora para que hade ser, você, *massista*? A senhora não o quer, vá... vá... para *Couthresbourg*.

COSME, *sorrindo ironicamente.*

Anda lá meu Manel Zé...

JOSE'

Manel Zé... (*Hombreando com Cosme.*) Veja lá. Quem é Manoel Zé?

COSME, *empurrando-o.*

Não me faça sombra... Não me queira incommodar as mãos...

URRACA, *levantando-se.*

Eu já concluo isto... (*Sahe pelo fundo, ambos a seguem até a porta.*)

COSME, *empurrando José.*

E você a teimar... não me incomode! (*Sahe.*)

**Scena XII.**

JOSE' E POUCO DEPOIS PULCHERIA E O DOUTOR.

JOSE', *que impellido pelo empurrão de Cosme finge ir quasi ao chão.*

Não seja tolo... seu... seu Molleta! Bem se vê que é mesmo uma molleta! (*Voltando-se satisfeito.*) Felizmente ainda nenhum reparou para o bello gosto em que me acho... Vou já tratar de me mudar... Hoje apresentar-me-hei mais cedo, por causa das dúvidas. Iremos ao theatro e de lá... (*Declamando.*) Oh! hymineo, hymineo. (*Pensando.*) Sim ella não me atraícoa. (*Declamando.*) Ah! estou morto por vêr o Molleta d'aquí para fóra, e logo que esteja que prazer, que gloria, que ternura, que doçura não tenho a disfrutar... O nome, realmente é feio, mas qu'importa o nome, se ella é um anjo, mas q'anjo!... Eu devia usar de outro termo, porque não há mulher nenhuma que não goste deste titulo.

PULCHERIA, *entrando da esquerda.*

Um anjo que o hade apreciar muito!

JOSE', *olhando para Pulcheria.*

Oh! minha senhora; sim é isso mesmo... hade saber apreciar as minhas delicadissimas qualidades.

PULCHERIA.

O seu perdídissimo dinheiro!

JOSE', *exaltado.*

Que perdissimo dinheiro!... Ora, a senhora, sempre mostra que é... que é... (*A' parte.*) Eu queria dizer-lhe uma cousa bem frisante... (*Alto.*) que é... muito parva! (*Vai a sahir ligeiramente pela ante-sala, e entra o Doutor, a quem corteja*)

DOUTOR, *a Jose.*

Que disse o senhor áquella senhora?...

JOSE'

Pergunte-lh'o a ella. (*Sahe.*)

**Scena XIII.**

DOUTOR E PULCHERIA.

DOUTOR.

Que me conta de novo relativamente ao que temos tratado?

PULCHERIA.

Que tudo tem corrido como se deseja.

DOUTOR.

Então ella quer?

PULCHERIA.

Isso não se pergunta.

DOUTOR.

Onde está ella?

PULCHERIA.

Eu a chamo? Como licença. (*Sahe pelo fundo, e entra da direita Rufino em trajas domesticos, e fumando.*)

**Scena XIV.**

RUFINO E O DOUTOR, *que senta-se.*

RUFINO, *sentando-se n'uma cadeira proxima a entrada.*

São indiscriptiveis as scenas mulheris que se passão nesta casa! Hoje mordem-se pela relaguarda e pela frente, amanha beijão-se e acaricião-se. A humanidade em seus serviços não pôde dispensar estes aminculos, inevitáveis...

DOUTOR, *que tem estado pensativo, á parte*

Vamos a ver. Isto é tambem apenas um devaneio, um folego de imaginação... preciso divertir-me...

**Scena XV.**

OS MESMOS, URRACA E PULCHERIA.

PULCHERIA, *á porta, á Urraca.*

Mas trata-o muito bem que elle é doutor...

RUFINO, *á parte, sorrindo.*

Pobres victimas...

PULCHERIA, *ao Doutor.*

Eil-a aqui, Doutor.

DOUTOR, *levantando-se e apertando a mão de Urraca.*

Oh! minha senhora, no amago profundo da minha alma recresce o excesso de uma satisfação, tantas vezes desejada, mas que, só a dita, hoje, me torna senhor della...

PULCHERIA.

Conversem que eu já volto. (*Sahe para a esquerda.*)

**Scena XVI.**

OS MESMOS, MENOS PULCHERIA.

URRACA, *à parte.*

Lá está já o meu *cabrion*.

DOUTOR.

Ha nos corpos humanos um espírito, cuja afinidade, a maior parte das vezes, quando reflecte no coração, nos torna um ser quasi que sobrenatural nas sensações cupidicas.

RUFINO, *à parte.*

Mais um torpa arvorado em doutor.

URRACA, *à parte.*

Não sei como me hei de expressar. (*Alto.*) Pois, Sr. Doutor, eu tenho igualmente, igualmente a honra de o conhecer.

DOUTOR.

Eu gosto muito de ser resumido nas minhas entrevistas. Sua tia é que me fallou da senhora de uma fôrma tão extraordinaria que eu não podia reprimir o meu desejo senão quando a visse!... E'-me sobremodo agradável a sua pessoa; portanto, se me é dada a permissão de poder gozar dias felizes com a senhora, não dilato por mais tempo a supplica de sua mão.

URRACA.

A qual eu aceito com infinito prazer, em consequencia da Sra. D... digo, de minha tia tanto se ter empenhado pelo meu bem estar.

DOUTOR.

D'onde é natural a senhora... sou muito curioso e muito amigo da franqueza!

URRACA, *com timidez.*

Eu gosto das pessoas assim... Sou natural de Campos.

DOUTOR, *contente.*

Tanto melhor; somos filhos da mesma provincia, por conseguinte havemos arranjar-nos commodamente. (*Levantando-se.*) Quer a senhora dar um passeio? Vamos; vamos conversar muito sobre nós mesmos.

URRACA, *à parte.*

Não errarei? (*Alto.*) Aceito. (*Dá-lhe o braço e sahem, e entra Pulcheria da esquerda. Rufino sahe para esquerda.*)

**Scena XVII.**

PULCHERIA, *sò entrando, pouco depois José.*

Já cá não estão? Onde sê metterião? Sahirão, provavelmente. Eu logo vi que se havião de entender. Vamos a ver se com este acerta. Os outros, um já se foi, o outro está prestes a ir.

JOSE', *entrando todo formalisado.*

O outro já se vem!

PULCHERIA, *a parte.*

Que toleirão!

JOSE', *a Pulcheria.*

Mas que grande conquista, *heim*; senhora... não lhe sei a graça:

PULCHERIA.

O senhor é um homem muito afortunado!

JOSE' *apertando-lhe a mão.*

Obrigadissimo, obrigadissimo. (*Puchando os collarinhos*) Brevemente terei a dita inaudita de ver a meu lado a mulher de quem sou... sei eu lá!... mais que escravo!... Ah! minha senhora, eu por muito tempo entreti-me em namorar uma pequena...

PULCHERIA, *atalhando.*

Talvez mais pequena que o senhor, não?

JOSE'

No *adjectivo-conjunctivo-collectivo*!... A senhora sabe *garmmatica*? não sabe... melhor, não perco o tempo em lhe explicar as regras... Era pequena!... mas que pequena!... Eu estudei dez annos.

PULCHERIA.

A tal *garmmatica*?

JOSE'

Não! Você padece?... A maneira mais rapida de um casamento!... Desde que soube que era gente, principiei a namorar á direita e á esquerda...

PULCHERIA.

Namorava por dois lados.

JOSE'.

Está enganada. Era por um só, pela frente... A senhora é casada?

PULCHERIA.

Sou.

JOSE'.

Antes de casar namorou.

PULCHERIA.

Não.

JOSE'.

Então não lhe digo nada, porque não sabe o que é um namoro atrevido, rapido, electrico... Está bom, não lhe digo nada porque a senhora não entende de namoro! Namoro, é isto: eu passo, por exemplo, ali na rua, a senhora está á janella, eu passo...

PULCHERIA.

Tanto passo!...

JOSE'.

Pois o negocio vai do passo com compasso muito escasso, sem ser d'aço.

PULCHERIA.

Ora o senhor está com pilherias.

JOSE'.

Qual, lerias! são cousas serias em materias que as Pulcherias não entendem...

PULCHERIA.

As Pulcherias...

JOSE'.

Ora, não me masse... eu passo, pela rua, a senhora está a janella, pisco-lhe um dente, digo um olho.

PULCHERIA.

A mim?

JOSE'.

A' senhora não porque eu não a posso encarar!... é á pequena!... Ora, não estou para a aturar. (*Pulcheria faz acção de sahir.*) Mas olhe, escute. Entendi que o namoro é uma grande asneira... Eu acabei de namorar na ultima semana proxima passada que finda hoje, uma pequena que nunca, nem ao menos olhou para mim, por isso hei de dizer, sempre, que é tolo quem namora, porque em menos de oito dias, arranjei mulher sem nunca a ter namorado, entretanto que a outra, como já disse, repito, hei de dizer e repetir, em dez annos nunca me atacou... um olhar. (*Passeia.*)

PULCHERIA.

E' curiosa a sua descripção!

JOSE', *calçando umas luvas que se rasgão.*

Diga-me, elle está ahí?

PULCHERIA.

Sahio com o seu...

JOSE'.

Cosme?

PULCHERIA.

Esse já vai longe.

JOSE'.

Estou como quero.

PULCHERIA.

Sahio com o doutor.

JOSE'.

Doutor! que doutor! A senhora tambem mente? (*Entra Urraca pelo fundo.*)

PULCHERIA.

Eu...

JOSE'.

Com quantos dentes tem.

### Scena XVIII.

#### OS MESMOS E URRACA.

URRACA, *sentando-se.*

Estou com os sapatos todos arrombados...

UMA VOZ FORA.

Vai sapatos, vai sapatos, pomada, linhas finas.

PULCHERIA.

Ali vai o mascate.

JOSE'.

Mas só vende linhas. Não ouviu?

A VOZ.

Vai sapatos...

PULCHERIA.

Então, não vende sapatos?

JOSE'.

Qual!... pós para ratos.

URRACA, a *Pulcheria*.

Veja sempre se elle traz... (*Sahe Pulcheria pelo fundo.*)

**Scena XIX.**

*José e Urraca e pouco depois Pulcheria.*

JOSE'.

Pós para matar ratos!

URRACA.

Não; sapatos. (*Debruça-se sobre a mesa.*)

JOSE', a parte, *afflicto*.

E vae-se o cobre!... Também não vamos ao theatro. Tenho só sete mil réis.

PULCHERIA, *entrando*.

Traz. Aqui está a prova. (*Entrega os sapatos a Urraca.*)

URRACA.

O preço?

PULCHERIA.

Sete mil réis.

JOSE', a parte.

E' a conta. (*A Urraca*) São caros; não valem tanto dinheiro!... E' melhor mandar á manhã ao sapateiro. Mascate, vende sempre mais caro.

URRACA *impaciente*.

Mas se eu preciso já. (*A Pulcheria.*) Elle não dá por menos?

JOSE', a *Pulcheria*.

A senhora não tira nisto a sua commissão?

PULCHERIA.

O senhor sempre mostra que é...

JOSE'.

Não; ás vezes... podia tirar...

PULCHERIA, *zangada*.

Da cá os sapatos; vou levá-los ao homem.

URRACA.

Espera, senhora!...

PULCHERIA.

Venha dinheiro, então?

URRACA, ao ouvido de José.

Paga as botinas, Juquinha?

JOSE', *baixo*

Só tenho sete mil réis.

URRACA.

Chega!...

JOSE'

Mas para o theatro?... Já fechei a *burra* e hoje não tiro mais dinheiro.

URRACA.

Nesse caso, iremos outro dia.

JOSE'.

Nesse caso, pôde ser. (*Tira do bolso o dinheiro que entrega a Urraca.*)

PULCHERIA.

Em que ficamos?

URRACA, *dando-lhe o dinheiro*.

Leve lá.

PULCHERIA.

Até, que emfim!

**Scena XX.**

JOSÉ' E URRACA.

JOSE'.

Mas a senhora não ama a outro?

URRACA.

A ninguem.

JOSE'.

Que expressão tão macia... até a alma se extasia de consolação e alegria!... Pois bem nesse caso eu farei outro sacrificio....

URRACA.

Sacrificio!...

JOSE'.

Sacrificio não... Vou buscar dinheiro e vamos ao theatro.

URRACA.

Como queira! Uma observação Juquinha? Sabe que eu não sou rica, e para vivermos é preciso haver que gastar, por tanto eu também desejo saber se o senhor está no caso de poder costear as despezas....

JOSE'.

Essa pergunta !... Parece-me, que ainda não lhe neguei nada.

URRACA.

Bem. Póde ir, eu cá o espero.

JOSE'.

Volto já. (*Sahe pelo fundo.*)

**Scena XXI.**

URRACA E POUCO DEPOIS RUFINO E PULCRERIA.

URRACA, só.

Eis-me agora com dous pretendentes. Falta saber qual devo escolher.

RUFINO, *entrando da esquerda.*

Ambos. (*Senta-se proximo a porta porque entra.*)

URRACA, *indignada.*

E o senhor sempre a metter-se commigo.

RUFINO.

A metter-me com a senhora? Deos me livre de tal infelicidade. (*Entra Pulcheria.*)

URRACA, *a Pulcheria.*

Vê; isto não se póde aturar.

PULCHERIA.

Calla a boca que é melhor. Onde ficou o doutor?

URRACA.

Perto; não se demora. (*Conversão entre si.*)

RUFINO, *á parte.*

Estou ancioso por ver o desenlace desta comedia. São três a quererem lograr, mas não sei o que ficará logrado. Actualmente o melhor negocio é este.

PULCHERIA, *a Urraca.*

Pois com o doutor é que deves ficar. O outro é um tolo e não tem onde cabir morto.

URRACA.

Mas tem sempre dinheiro!

PULCHERIA.

Mas pertence a outros. Elle deve os cabellos da cabeça.

URRACA.

Mas como soube Você disso?!

PULCHERIA.

Soube aqui mesmo, quando os credores o perseguirão.

URRACA.

Até aqui?!

PULCHERIA, *rindo.*

Sim. Chegarão a rasgar-lhe a sobrecasaca!

URRACA.

Ah! eu vi as abas della, e elle disse-me que forão effeito d'uma polka... E andava-me dizendo que se ia estabelecer!... Não o quero mais!

PULCHERIA.

Com o doutor, olha que não vaes melhor...

URRACA.

Não quero outro. Não devem tardar, tanto um como outro. O Juca vem para eu ir com elle ao theatro; o doutor disse-me que me vestisse para novo passeio; attendo a este; se o outro vier não estou em casa, hein? (*Vai a sahir e entra José pelo fundo.*)

**Scena XXII.**

OS MESMOS E JOSE'.

JOSE'.

Estou de volta! (*A' parte.*) Mas sem um vintem!

URRACA,  *fingindo encommoada.*

Ah! estou muito sentida, Sr. Juquinha. A infelicidade persegue-me. (*Sentão-se.*) Ora, eu que lhe expuz o que sentia... (*Rufino e Pulcheria fingem conversar.*)

JOSE'.

O que sente?

URRACA.

Que lhe fallei com tanta franqueza, na persuasão de que o senhor era um moço de bons sentimentos; e, o senhor, enganar-me...

JOSE', *preplexo.*

Eu, enganar a senhora? Em que?

URRACA.

Disse que tinha ou que dispunha do sufficiente para vi-

vermos uma vida independente e no fim disto o senhor não tem nem para si!...

JOSE', á parte.

E' o modo de negociar de muitos. Atrapalharão-me, em fim! Quem seria o tratante?... (*Alto, indignado.*) Ora esta!... Eu só queria saber quem foi o atrevido que teve a pouca vergonha de assim me calumniar!

Calumniar?!

URRACA.

JOSE'

Sim! Isto é uma calúnia!... Eu não devo nada a ninguém!... (*Entra ligeiramente Marinho pelo fundo.*)

### Scena XXIII.

OS MESMOS E MARINHO.

MARINHO, segurando José.

Então, vai pedir-me dinheiro por intermedio de outro que aceitou, e você endossou uma letra, a pretexto de doença, e anda extravaganciando?!

JOSE', abraçando-o, baixo.

Pelo amor de Deus, não falla nisso agora... Este systema é usado até pelos maiores aristócratas.

MARINHO.

Não seja tratante.

JOSE', á parte.

Oh! que desabono, que situação...

MARINHO.

Em que se emprega você, seu malandro?

JOSE'

Homem, você está me insultando sem razão. (*Baixo.*) Tem paciencia; pago-te depois mais dez por cento... Não me deites a livraria á terra. (*A Urraca.*) Não faça caso; o homem está com um ataque na bola!

MARINHO.

Que decide, seu vagabundo, eu quero dinheiro...

JOSE', desesperado.

Ora, faça do... A letra não está ainda vencida...

URRACA, á José.

O senhor acaba bem de mostrar o que é... primeiro nega,

agora confessa que deve. (*Levanta-se e sahe para esquerda segue-a Pulcheria.*)

### Scena XXIV.

RUFINO, MARINHO E JOSE'.

JOSE'. Apenas se levanta Urraca.

Tambem, a senhora, me enganou; por isso deve-me um vestido de seda, botinas e dinheiro.

MARINHO.

Vamos, vamos acabar com isto!

JOSE', desesperado e quasi chorando.

Adeos... já sei que lhe devo..., não tenho dinheiro... (*Passeando agitado.*) Eis o lucro que tira quem se mette com mulheres... A resposta é de homem entendido...

MARINHO.

Visto isto a suas disposições não passão d'ahi?

JOSE'

Que diabo quer você?... Não tenho dinheiro... Ella comeo-m'o todo! E atraçou-me! Uma traição nos dias de hoje! Se fôsse no tempo dos Castros e Albuquerque...

MARINHO.

Oh! que refinado tratante!

JOSE'.

Será elle! Não me esquite os miolos... Vou pintar o o diabo!. (*Passeiando esbarra, como quem não vê, com Rufino, e cahe levantando-se logo.*) Que te leve tambem o diabo!

RUFINO, arrumando-lhe com o pé.

Veja por onde passa seu estúpido!

JOSE'.

Não me incommode tambem!... (*Passeia.*)

MARINHO.

Bem, o acceitante que se aperte; vou já ter com elle. (*Segurando uma orelha de José.*) E você aprenda a ser agradecido...

JOSE'.

Vocês, desgração-me! (*Marinho, sahe pelo fundo.*)

**Scena XXV.**

JOSE', RUFINO, POUCO DEPOIS, URRACA, E PULCHERIA,  
O DOUTOR.

JOSE'.

Oh! senhores! isto não se tolera nem a um santo!...  
(*Pensando.*) Gastei o meu dinheiro! o meu dinheiro, minto; o  
dinheiro dos outros!.. ella disse-me que não amava a outro.  
E' como dizem todas por amor do... (*esfrega os dedos*) ou-  
tro... Nada; aqui anda tramoia grossa... (*Declamando.*)  
Agora, se ella se rir de mim, não ha nada, descomponho-  
a!... Eu enganava-a, não ha duvida, mas tudo era  
amar... e além disso é como se vive actualmente.

URRACA, *entrando da esquerda.*

Se, o senhor, me tivesse fallado no principio com franqueza  
seria outro o caso; assim sou obrigada a não aceitar-o. Outro  
já morre de amores por mim.

JOSE'.

Por não saber o que a senhora praticou commigo, Deo-me  
beijos e disse que havia ser só minha e finalmente não  
quer!...

URRACA.

Não deve tardar.

JOSE', *exaltado.*

Preste-me attenção, senão descomponho-a... A senhora é  
indigna de tudo.

URRACA.

Pois olhe não me faltão adoradores...

JOSE'

Estimo muito.

RUFINO.

Tem-os aos centos...

URRACA.

Não é da sua conta. Deixe que eu tambem vou agora  
ensinal-o... O doutor tambem hade escrever nos jornaes  
a seu respeito... (*Entra o doutor.*)

RUFINO.

Quem? Não profane essa palavra... respeite ao menos o  
uzo obsceno... Eu não conto com doutores...

DOUTOR *a Urraca.*

Que é isto, aqui, gentii deidade?...

URRACA.

Chegou a proposito. O Sr. Rufino Loyola, diz que não  
conta com doutores!

DOUTOR.

Rufino! Esse nomenão me é estranho!

URRACA.

E' aquelle senhor! (*Aponta Rufino, aparte a José*) E' o meu  
amante.

DOUTOR, *olhando.*

Olá Rufino! (*apertão as mãos.*)

RUFINO.

Como vaes, Gavinho?

DOUTOR.

Sem novidade. Moras aqui agora?

RUFINO.

E' verdade; condemnodo a supportar tudo quanto ha de  
mais insupportavel, como seja nma ilhoa!

DOUTOR E JOSE' *ao mesmo tempo*

Ilhoa!

RUFINO.

Ilhoa, sim...

URRACA.

Mente.

DOUTOR, *dirigindo-se a Urraca.*

Terminarão-se as nossas relações. Se a senhora logo do  
principio tivesse fallado com franqueza, ainda bem; mas  
quiz enganar?... Enganou-se...

URRACA.

Não creia no que elle diz, elle mente... (*Aparte.*) Perdeo-me.

DOUTOR.

Pedi-lhe que fallasse com franqueza. (*Dirige-se a Rufino  
e fingem conversar. José principia a rir-se desabridamente;  
entra Pulcheria da esquerda e dirige-se a Urraca.*)

PULCHERIA.

Que é isto D. Urraca?

URRACA, *baixo, a Pulcheria*

O Rufino disse-lhe que eu era ilhoa.

PULCHERIA.

E tu que lhe tinhas dito?

URRACA.

Que era natural de Campos...

PULCHERIA.

E' a paga da mentira... A mudança de nacionalidade nem sempre é proveitosa.

URRACA, *como que cahindo em delirio em cima de uma cadeira*

Ah! e agora já nem o Cosme tenho!

PULCHERIA, *segurando-a.*

Tem-te, mulher!

JOSE', *reparando.*

Que te leve o diabo, coruja... ilhoa...

DOUTOR, *a Rufino.*

Eu, tambem disse logo, que era um divertimento...

JOSE', *á parte.*

Se ella morre não me paga o vestido nem me dá o dinheiro. (*Dirigindo-se a Urraca.*) Venha o meu dinheiro.

URRACA, *levantando-se.*

O' Juquinha, eu fui ingrata...

JOSE'

Cantas bem, mas não bebes nada.

RUFINO, *ao doutor, apontando Urraca.*

Pois disto ha muito.

DOUTOR.

Adeus, Rufino... (*Sahe pelo fundo.*)

URRACA.

O' doutor!...

JOSE'.

Segure agora os amantes e adcradores...

PULCHERIA.

Tenha dó della...

JOSE'.

Tenho dó do diabo que a leve. Não me paga agora, mas eucá mando o meirinho, como me fazemos meus credores... Coitada! quiz lograr, e ficou lograda, logradissima. (*Acção de sahir.*)

PULCHERIA.

E você tambem seu palerma?!

JOSE'.

Ficamos todos... mas vou me vingar...

RUFINO.

Que sucia de tolos.

CEZARIO, *apparecendo á direita.*

Disto ha muito!

FIM DA COMEDIA.

## POESIA

DEDICADA AOS DISTINCTOS ARTISTAS

DOMINGOS MARTINS DE SOUZA

E

ANTONIO FRANCISCO DE SOUZA MARTINS

EMPREZARIOS DA COMPANHIA DRAMATICA DO THEATRO DE S. JANUARIO

E AOS SEUS COMPANHEIROS D'ARTE.

Recitada na noite de 7 de Maio de 1862

NO THEATRO DE S. CHRISTOVÃO

por occasião do ultimo espectáculo dado pela companhia antes de partir para Santos.

---

Dormia o mundo na rudez sepulto,  
Na paz da inercia acordou—seguiu!  
Mas, forte, a mão de um poder occulto  
Tirou-o do ocio, illustrou-o,—surgiu!

Então, do Pindo, prorompendo esferas,  
Fugiu. precoce, da sciencia a musa,  
Ergueu-se altiva, illustrando as éras,  
No throno d'arte, a deslumbrar, diffusa!

E eis, conversos, ao civismo as artes,  
Os povos todos, se aclamando eximes,  
E do universo illuminando as partes,  
Os grandes poetas, os actores sublimes!

E' d'estes vultos, se revive a crença,  
Que teem manado as lições moraes!  
O poeta, escreve — da sua obra immensa,  
O artista dicta—as expressões reaes!

Missão grandiosa, entre tantas, nobre,  
E' a do artista, em magistral proscenio!  
Alli, a fronte, de laureis se cobre,  
Alli, transluz a magestade, o genio!

Alli, são reis—e, mais que os reis da terra,  
Ostentão finos talismans de ouro!  
A corôa d'estes vai morrer na guerra...  
Vale mais, do artista, a de virente louro!

Lá está, soberba, s'orgulhando, Roma,  
Por dar o berço a grandiosos vultos,  
E n'essa gloria que seu povo assoma  
Sagra-lhe o mundo triplicados cultos !

Mas, Roscio, Esopo, esses florões gigantes,  
S'irão dous genios disputando a gloria,  
Não foi só genio que lhes deu ovantes  
Palmas, renome, nos annaes da historia....

Tambem o impulso, do sonhar glorioso  
D'um grande povo, de elevadas almas ;  
Tornando o palco um Pantheon grandioso,  
De flôres juncando-o, de'stridentes palmas !

Eia, pois, se assoberbar nos queremos  
Mais do que Roma, se possivel fôr,  
Mostre-se ao mundo, que tambem nos temos  
Pel'arte egregia, profundando amor !

D'um povo illustre, s'illustrado é o genio,  
E' sempre grande a mais pequena acção !  
Corramos, pois, vamos ao proscenio,  
Vamos sauda-los, apertar-lhes a mão !

O artista, expõe-se, —mas se, o seu talento,  
A falta sente d'um esforço novo,  
A nós compete dar-lh'o merecimento  
Que ao mundo attesta quanto é grande um povo !

E ora, saudosos, que p'ra outra parte  
Seguem, e nos levão na vivaz memoria,  
Mais um triumpho p'r'os apostolos d'arte,  
Uma ovação que lhes assegure—gloria !

E vós, artistas, conservai na mente,  
D'um povo nobre, a homenagem honrosa !  
Dizei, a todos, que esta illustre gente  
De possuir-vos, se tornou vaidosa !

E ao pobre bardo que, n'arroubo d'alma,  
Um canto, hoje, vos vem offerar,  
Desculpae todos : — é uma murcha palma  
Tinha p'ra vós—vem vo-la entregar.

*Aquino Borges.*

Rio de Janeiro, 7 de Maio de 1862.

*Jacinto*  
29.4.46  
n. 2, -







